Dia 29 — A Degolação de São João Batista

Sempre se celebrou na Igreja com solenidade a Degolação de São João Batista; isto é, a festa que se solemniza hoje em honra de seu martírio. Antes do século VI chamava-se esta festa a Paixão de São João. Também se lhe dava o nome de Nascimento do Precursor, como ainda hoje se dá o de nascimento para a glória ao dia em que os santos mártires consumaram seu martírio; mas desde São Gregório Magno até aqui conservou sempre o nome de Degolação de São João Batista a festa cuja história vamos referir.

Havia-se retirado o Batista ao deserto desde sua meninice e nele havia passado perto de vinte e cinco anos, entregue aos rigores da mais austera penitência. Era seu vestido uma espécie de cilício composto de ásperas peles de camelo, que cingia ao corpo com uma correia ou cinto de couro. Sustentava-se de gafanhotos, alimento bastante comum da gente pobre na Palestina, e acrescentava um pouco de mel silvestre, de gosto muito desabrido, e daquele que se encontrava nos bosques. Aos vinte e nove anos de sua idade, e vinte e oito de Jesus Cristo, no décimo quinto do império de Tibério César, tirou-o o Espírito Santo do deserto e mandou-lhe que pregasse nas margens do Jordão a doutrina e o batismo da penitência. Então foi quando aquele primeiro pregoeiro do Salvador, aquele homem concebido por milagre, aquele admirável solitário e aquele precursor do Messias recebeu a ordem de cumprir seu encargo e de exercer o ministério para o qual havia sido enviado. Desde logo meteu grande ruído em toda a Judeia o novo pregador. Concorriam de todas as partes a ver e a ouvir aquele homem milagroso, declarando-se muitos por discípulos seus; exortava uns, batizava outros e persuadia a todos a que fizessem penitência, porque se aproximava o reino dos céus. Desamparava a gente as cidades por ouvir o novo pregador. Somente os fariseus e os saduceus, homens sem lei e sem piedade, obstinavam-se em não vir pedir-lhe o batismo com mostras de humildade e de contrição. Como não fazia acepção de pessoas, clamava contra o vício e contra a desordem, sem exceção de classes nem de condições; era seu zelo vivo, mas discreto, e sua doutrina sã e santa.

Enquanto São João Batista instruía desta maneira os pecadores, o Salvador de todos eles, o Justo e o Santo por excelência, quis também ser batizado por sua mão; sem dúvida para proporcionar-lhe esta ocasião de ser o primeiro que o anunciasse ao povo. Veio, pois, o Salvador de Nazaré ao Jordão e se apresentou para ser batizado como todos os demais. Não o havia visto São João ao menos desde sua infância; mas naquele mesmo instante recebeu uma luz superior que lhe deu a conhecer que aquele homem que lhe pedia o batismo era o Messias prometido. Penetrado intimamente seu espírito de veneração e de respeito, recusava batizar aquele que sabia ser seu Salvador e seu Deus, que vinha tirar os pecados do mundo. «Pois quê, Senhor, exclamou, tu vens a mim! Tu queres que eu te batize, quando eu devo ser o batizado por ti!» Jesus Cristo só lhe respondeu que assim o devia fazer para cumprir toda a justiça. Por motivo das maravilhas que

acompanharam este ato de humildade do Salvador, publicou-o São João como o verdadeiro Messias, dando-o a conhecer a seus ouvintes.

Pouco depois desta ação, o zelo do Batista deu ocasião a sua prisão e a sua morte. Já havia tempo que Herodes, por sobrenome Antipas, filho do velho Herodes, chamado o Grande, em cujo reinado havia nascido Jesus Cristo, vivia escandalosamente amancebado com Herodíades, mulher de seu irmão Filipe, que, abandonando descaradamente seu marido, queria passar como casada com seu cunhado. Pregava São João vivamente contra este escândalo, animado sempre de um generoso zelo. Ofendeu-se Herodes, atiçando o fogo Herodíades, a qual, não podendo sofrer as fortes declamações daquele homem santo, solicitava continuamente a Herodes que o fizesse calar. Tiranizado o monarca de sua infame paixão, mandou prender o santo precursor e o fez assegurar no castelo de Maqueronte. Indignaram-se todos contra aquela injustiça; mas, contentando-se com detestá-la, concorriam sempre a ouvi-lo pregar em sua prisão, com a mesma liberdade e com o mesmo zelo. Até o próprio Herodes não podia deixar de estimá-lo nem de ir vê-lo algumas vezes, apesar de Herodíades; mas o santo o mesmo o contemplava no cárcere que o havia contemplado no deserto e não cessava de repetir-lhe que não lhe era lícito reter a mulher de seu irmão. Este generoso zelo acendeu no coração de Herodíades um ódio tão implacável contra o Batista que só se pôde extinguir em seu inocente sangue. Não se dando por satisfeita com vê-lo preso, determinou desembaraçar-se daquele molesto ofensor tirando-lhe a vida. Apresentou-se-lhe uma ocasião muito favorável por motivo de celebrar-se o aniversário de Herodes, em que este príncipe tinha prevenido um soberbo festim a que estavam convidados os grandes de sua corte, os oficiais de suas tropas e os principais de toda a Galileia. Tinha Herodíades uma filha do marido que havia abandonado; chamava-se Salomé e era jovem, formosa, brilhante, muito a propósito para embevecer com sua desenvoltura e com sua gala. Dançava sobretudo primorosamente. Entrou Salomé na sala do festim extraordinariamente ataviada e começou a dançar em presença de Herodes e de todos os convidados enquanto estavam sentados à mesa. Agradou tanto ao rei e a todos os circunstantes que, arrebatado Herodes do gosto e da paixão, disse-lhe que pedisse quanto lhe viesse à vontade, jurando à vista de todos que lho concederia, ainda que lhe pedisse a metade de sua coroa. Imediatamente correu Salomé aonde estava sua mãe para consultar com ela o que pediria. Voltou prontamente a entrar na peça do convite e pediu a Herodes que lhe desse num prato a cabeça do Batista. Contristou-se Herodes ao ouvir semelhante petição e até manifestou seu enfado; mas, lembrando-se do juramento e em atenção também aos convidados, que, tendo sido compreendidos nas veementes declamações do santo precursor contra os pecadores e os dissolutos, não sentiriam muito ver-se livres daquele importuno fiscal, o ímpio rei, pela mais injusta e mais bárbara fraqueza, deu ordem a um de seus guardas que, passando à prisão, lhe trouxesse a cabeça do Batista. Foi logo obedecido; e aquele santo, que toda a vida havia vivido mais como anjo que como homem; aquele digno precursor do Redentor, cujo nascimento havia enchido o mundo de gozo e cuja santa vida havia sido sua admiração, viu com serenidade que se lhe aproximava a morte, gozoso de antecipar-se pelo martírio à dolorosa que havia de padecer o Salvador, a cujo nascimento também se havia antecipado. Alguns são de sentir que Jesus Cristo se achou milagrosamente em sua morte, como se achou presente à de Santo Estêvão. Mas seja o que for desta opinião, o oficial lhe cortou a cabeça e numa bandeja a apresentou a Herodes, que logo mandou que se entregasse à dançarina, e esta presenteou com ela sua mãe. Diz São Jerônimo que Herodíades tirou uma agulha do cabelo com que picou a língua

da santa cabeça em vingança das repreensões que lhe fazia viva. Desta maneira, a vida do homem maior entre todos os nascidos foi o prêmio e a recompensa da graça e do donaire de uma desenvolta bailarina. Mas não tardou a divina Providência em vingar a morte de São João. Empenhado Herodes numa desgraçada guerra com Aretas, rei dos árabes, que se quis desforrar da afronta recebida na pessoa de sua filha, a quem havia repudiado para casar-se com Herodíades, perdeu uma grande batalha, cujo infortúnio os próprios judeus atribuíram à morte do Batista. Poucos anos depois privou-o de seus Estados o imperador Calígula e o desterrou a Lyon, na França, juntamente com Herodíades; em cuja cidade morreram ambos consumidos de miséria. Acrescenta Nicéforo que sua filha Salomé, tendo caído num rio gelado e ficando com a cabeça fora do gelo, se degolou a si mesma pelos movimentos que fez com os pés para libertar-se. Sucedeu a morte de São João no ano 31 de Jesus Cristo e aos 32 do mesmo Batista. Seus discípulos tiveram modo de apoderar-se do santo corpo e deram-lhe sepultura numa cidade de Samaria chamada Sebaste. Puseram à parte a cabeça; e, tendo-se encontrado no tempo do grande Constantino, foi levada a Constantinopla com pompa e solenidade, de onde com o tempo se trasladou ao Ocidente, venerando-se em Roma a maior parte dela. Muitas igrejas da Itália e da França possuem parte de suas relíquias. As mais consideráveis adoram-se em Malta, em Lyon, em Puy, em Vienne do Delfinado, em Turim, em Veneza; e a igreja do palácio de São Chaumont, no Lionês, conserva uma considerável parte de uma queixada.

Martirológio Romano

A degolação de São João Batista, a quem Herodes mandou decapitar por volta da festa da Páscoa. Faz-se, entretanto, comemoração solene neste dia em que sua venerável cabeça foi achada pela segunda vez. Levada depois a Roma, é honrada com grande devoção pelos fiéis na igreja de São Silvestre no Campo de Marte.

Em Roma, sobre o monte Aventino, a festa de Santa Sabina, mártir, que alcançou pela espada a palma do martírio no reinado do imperador Adriano.

Também em Roma, Santa Cândida, virgem e mártir, cujo corpo foi transportado à igreja de Santa Praxedes pelo papa Pascoal I.

Em Antioquia, na Síria, a festa de São Niceas e de São Paulo, mártires.

Em Constantinopla, São Hipácio, bispo da Ásia, e Santo André, presbítero, a quem, pelo culto das santas imagens sob o imperador Leão, o Isáurico, untaram de piche as barbas, queimaram-nas, arrancaram a pele da cabeça e por fim degolaram.

Em Perúgia, Santo Eutímio, romano, que, fugindo com sua esposa e seu filho Crescêncio da perseguição de Diocleciano, morreu ali na paz do Senhor.

Em Metz, Santo Adelfo, bispo e confessor.

Em Paris, o trânsito de São Merri, presbítero. Na Inglaterra, São Seba, rei.

Em Esmirna, a festa de Santa Basília.

Em terra de Troyes, Santa Sabina, virgem, ilustre por suas virtudes e milagres.

Em Louvain, Santa Verona, virgem.

Em Bagno, perto de Camaldoli, diocese de Sarsina, Santo Alberico, solitário.

Missa (oração)

A missa é em honra do santo, e a oração é a que segue.

> **Latim:** *Sancti Joannis Baptistæ, præcursoris et martyris tui, quæsumus, Domine, veneranda festivitas, salutaris auxilii nobis præstet effectum. Qui vivis et regnas...*

Português: Fazei, Senhor, se vos apraz, que a venerável festividade de vosso precursor e mártir São João Batista nos consiga o efeito de vossa salutar assistência. Vós que viveis e reinais...

Epístola

A epístola é do capítulo primeiro de Jeremias.

Jeremias 1,17-19

> **Latim:** [17] Tu ergo, accinge lumbos tuos, et surge, et loquere ad eos omnia quæ ego præcipio tibi. Ne formides a facie eorum, nec enim timere te faciam vultum eorum. [18] Ego quippe dedi te hodie in civitatem munitam, et in columnam ferream, et in murum æreum, super omnem terram, regibus Juda, principibus ejus, et sacerdotibus, et populo terræ. [19] Et bellabunt adversum te, et non prævalebunt, quia ego tecum sum, ait Dominus, ut liberem te.

Português: [17] Tu pois cinge os teus lombos, e levanta-te, e dize-lhes tudo o que eu te mando. Não temas diante d'elles: porque eu farei que tu não temas a sua presença. [18] Por quanto eu te puz

hoje como huma cidade fortificada, e como huma columna de ferro, e como hum muro de bronze, sobre toda a terra, a respeito dos reis de Juda, dos seus principes, e sacerdotes, e do seu povo. [19] E pelejarão contra ti, mas não prevalecerão: porque eu sou contigo para te livrar, diz o Senhor.

Nota

«Jeremias foi filho de Helcias, da estirpe sacerdotal, e nasceu em Anatot, da tribo de Benjamim. Aos catorze anos de sua idade, no de 3375 da criação do mundo, chamou-o Deus ao ministério de profeta, o qual continuou até que os caldeus se apoderaram de Jerusalém; isto é, por espaço de quarenta e três anos.»

Reflexões

Seria muito de desejar que ninguém se ingerisse no sagrado ministério sem legítima e bem provada vocação. Não se veriam então tantos operários inúteis; não estaria a vinha do Senhor feita um erial, encomendada a uma multidão de obreiros ociosos e desmazelados; logo se experimentaria o mundo purgado dos vícios que o inundam; não cresceriam mais os abusos, como a má erva que sufoca o bom grão; a corrupção dos costumes deixaria de ser uma enfermidade popular que penetra até o próprio santuário; e, florescendo em todos os estados a piedade cristã, todos honrariam e todos fariam o elogio mais eloquente da religião. Sabido é que a corrupção do coração humano é o mais copioso manancial da desordem dos costumes e daquela licença universal que reina em todos os estados e em todas as idades. Que dissolução tão desenfreada na juventude! Que irreligião na idade mais madura! Que indolência no negócio da salvação! Que esquecimento de Deus na maior parte dos homens, até que as vizinhanças da morte despertam na alma angustiosos remorsos e cruéis sobressaltos! Com que império reinam as paixões hoje! Elas são o grande móvel de todas as ações; tudo se rende à sua violência. Enfim, já não buscam máscara para disfarçar-se, nem a injustiça, nem a usura, nem a má-fé; perderam a vergonha desde que se fizeram tão universais. De onde nascerá tanta generalidade de desordens em meio de uma religião tão pura e tão santa? De que se encontram já poucos Joões Batistas que tenham grande valor para levantar o grito e para dizer a todos com resolução e com clareza: *Non licet*: não é lícito viver com tanto regalo, com tanta delicadeza, com tanta profanidade, afundados, abismados dia e noite em diversões e em passatempos; não te é lícito, sejas do estado, da classe, do sexo, da idade que fores, seguir cegamente tuas paixões e não ter uma vida contida e mortificada. O temor, a covardia, os respeitos humanos do pastor mercenário deixam as pobres ovelhas à mercê do lobo carniceiro. Por mais que grite Deus: «Não temais, não vos acovardeis», a sombra os assusta; pois que farão as tímidas ovelhas se o pastor foge do lobo? Covardes diretores, pregadores pusilânimes e condescendentes, profetas aduladores, que só vos aplicais e só abris a boca para anunciar coisas alegres e acomodadas ao amor-próprio, que estragos não fazeis na religião? De quantas almas que se condenaram não vos hão de pedir conta, se se perderam por vossa indigna condescendência, por vossa perniciosa covardia? Quantos pais de família, quantos magistrados, quantas pessoas

constituídas em dignidade, quantos superiores encarregados de governar a outros não saberão que responder quando se lhes pedir estreita conta daqueles cuja salvação descuidaram por covardia ou por temor!

Evangelho

O evangelho é do capítulo 6 de São Marcos.

Marcos 6,17-29

> **Latim:** 17 Ipse enim Herodes misit, ac tenuit Joannem, et vinxit eum in carcere propter Herodiadem uxorem Philippi fratris sui, quia duxerat eam. 18 Dicebat enim Joannes Herodi : Non licet tibi habere uxorem fratris tui. 19 Herodias autem insidiabatur illi : et volebat occidere eum, nec poterat. 20 Herodes enim metuebat Joannem, sciens eum virum justum et sanctum : et custodiebat eum, et audito eo multa faciebat, et libenter eum audiebat. 21 Et cum dies opportunus accidisset, Herodes natalis sui cœnam fecit principibus, et tribunis, et primis Galilææ : 22 cumque introisset filia ipsius Herodiadis, et saltasset, et placuisset Herodi, simulque recumbentibus, rex ait puellæ : Pete a me quod vis, et dabo tibi : 23 et juravit illi : Quia quidquid petieris dabo tibi, licet dimidium regni mei. 24 Quæ cum exisset, dixit matri suæ : Quid petam ? At illa dixit : Caput Joannis Baptistæ. 25 Cumque introisset statim cum festinatione ad regem, petivit dicens : Volo ut protinus des mihi in disco caput Joannis Baptistæ. 26 Et contristatus est rex : propter jusjurandum, et propter simul discumbentes, noluit eam contristare : 27 sed misso spiculatore præcepit afferri caput ejus in disco. Et decollavit eum in carcere, 28 et attulit caput ejus in disco : et dedit illud puellæ, et puella dedit matri suæ. 29 Quo audito, discipuli ejus venerunt, et tulerunt corpus ejus : et posuerunt illud in monumento.

Português: 17 Porque he de saber, que o mesmo Herodes, como se tinha casado com Herodias, sendo esta mulher de seu irmão Filipe, mandou prender, e metter em ferros no carcere a João, por causa d'esta mulher. 18 Porque dizia João a Herodes: Não te he lícito ter a mulher de teu irmão. 19 E Herodias lhe andava espregiando alguma occasião, e o queria fazer morrer, porém não podia. 20 Porque Herodes temia a João, sabendo que elle era varão justo e santo: e o tinha em custodia, e pelo seu conselho fazia muitas cousas, e o ouvia de boa vontade. 21 Até que ultimamente chegou hum dia favoravel, em que Herodes celebrava o dia do seu nascimento, dando hum banquete aos grandes da sua corte, e aos tribunos, e aos principaes da Galiléa. 22 E havendo entrado no festim a filha da mesma Herodias, e dança-do, e dado gosto a Herodes, e aos que com elle estavão á meza; disse o rei a moça: Pede-me o que quizeres, e eu te darei: 23 e lhe jurou: Tudo o que me pedires te darei, ainda que seja a metade do meu reino. 24 Tendo ella sahido, disse a sua mãe: Que hei de eu

pedir? E ella lhe respondeo: A cabeça de João Baptista. [25] E tornando logo a entrar a grão pressa aonde estava o rei, pedio, dizendo: Quero que sem mais demora me dés n'hun prato a cabeça de João Baptista. [26] E o rei se entristececo: mas por causa do juramento, e pelos que com elle estavão alli á meza, não quiz desgostalla: [27] mas enviando hum dos da sua guarda, lhe mandou trazer a cabeça de João n'hun prato. E elle indo o degollou no carcere: [28] e trouxe a sua cabeça n'hun prato: e a deo á moça, e a moça a deo á sua mã. [29] O que ouvindo seus discipulos, vierão e levárão o seu corpo, e o pozerão no sepulcro.

Meditação

Dos estragos das paixões

Primeiro ponto

Considera que tudo quanto de mau sucede no mundo por parte dos homens, de ordinário é efeito das paixões. Multidão de inquietações, insaciabilidade de desejos, sem-número de desgostos, turbação nas famílias, guerras nos Estados, injustiças, violências, atrocidades, delitos enormes, heresias, cismas, parcialidades, escândalos, todas as calamidades que cobrem a terra de luto e de amarguras; este é o fruto das paixões. O mesmo inferno, por assim dizer, é obra sua; até as mais inocentes não o são tanto como parece. Bom Deus, um homem que faz algum uso de sua fé e de sua razão pode conceder a menor trégua a um inimigo de quem tudo pode temer, a quem deve todos os seus desgostos e que ao cabo o há de arrastar ao abismo das maiores desditas? Que prosperidade poderá resistir às tempestades que a menor de todas as paixões é capaz de levantar no coração? Todas elas possuem o maligno segredo de amargar os gostos mais tranquilos com a mais triste amargura. Uma paixão que nos domine basta para amotinar todas as demais. Um despeito, uma emulação, um interesse, um ódio não reprimido, um orgulho irritado e sobretudo uma paixão de impureza, santo Deus, que estragos não fazem! Em Herodes temos um exemplo bastante palpável. Logo que se apoderou de seu coração a cega e pecaminosa paixão por Herodíades, que efeitos tão estranhos não produziu? A impiedade, a irreligião e a injustiça. Era Herodíades esposa legítima de seu irmão Filipe; tinha sucessão naquele casto matrimônio; mas a paixão não se detém a discorrer tanto; não olha os objetos tão de perto. Repudia Herodes sua legítima mulher, ainda que filha de um poderoso rei, que saberá tomar satisfação daquele agravo. Casa-se publicamente, desprezando o escândalo universal, com a mulher de seu irmão. O primeiro efeito da paixão é a cegueira. João, aquele homem justo, aquele homem santo, reconhecido por tal por ele mesmo, clama, grita, movido de zelo e de religião, contra tão escandaloso amancebamento. Herodes, não obstante quanto o estima e o venera, governando-se muitas vezes por seus acertados conselhos, manda cortar-lhe a cabeça. Isto é o que pode e isto é o que faz uma paixão. Cheios estão todos os séculos de funestos exemplos que convencem até onde chega a violência e a tirania das paixões. Com tudo isso, faz-se a paz com um inimigo tão furioso; familiarizamo-nos com estas feras, sustentamo-las, acariciamo-las, e depois nos admiramos dos estragos que causam!

Segundo ponto

Considera que um dos principais efeitos das paixões é debilitar a razão, cegar o espírito e extinguir na alma a fé. Bem se pode assegurar que não houve no mundo heresia alguma que não fosse efeito ou obra de alguma paixão. Em matéria de religião, cada paixão é um encanto. Grande prova desta verdade é a pertinácia e a obstinação dos luteranos e dos calvinistas. Toda a sua teimosia nasce do interesse, da ambição e sobretudo do amor à liberdade. Desvaneçam-se as preocupações da vontade; não se faça caso das vozes dos sentidos; tenha na alma menos império a paixão; cessem as razões de emulação, de vingança, de orgulho e de liberdade, e logo se verão convertidos todos os hereges. Não agradam essas reflexões por demasiado verdadeiras e porque perturbam a posse do erro que lisonjeia o amor-próprio e vai um pouco de acordo com os sentidos. É artifício de nosso amor-próprio o representar-nos sempre nossas paixões a uma luz falsa, a um aspecto enganoso: só nos parecem violentas, feias, malignas e perniciosas nos outros; mas as nossas se nos figuram mais humanas e menos odiosas. Olhemo-las sem preocupação; pensemos delas o mesmo que pensam os demais; consideremo-las em seus efeitos, e nenhuma coisa nos fará formar ideia mais cabal do que são; sempre ofendem quando se as olha sem disfarce. Examinemos a verdadeira origem dessas inquietações, desses desgostos, desses sobressaltos; não teremos que fatigar-nos muito; não a encontraremos muito longe; logo daremos com o verdadeiro manancial de nossas paixões.

Ah, Senhor, e será possível que perpetuamente havemos de convir todos nestas verdades práticas sem que jamais chegue o caso de pô-las em execução! Vossa graça, Senhor, vossa graça; e desde este mesmo ponto vou trabalhar sem intermissão em domar estes inimigos domésticos; pois eles sós turbam minha quietude e põem em tanto perigo minha eterna salvação.

Jaculatórias

> *Libera me de sanguinibus, Deus, Deus salutis meæ.* Sl 50.

Livrai-me, meu Deus e meu Senhor, das sangrentas paixões que me tiranizam.

> *Eripe me de inimicis meis, Deus meus, et ab insurgentibus in me libera me.* Sl 58.

Tirai-me são e salvo, Deus e Senhor meu, das mãos de meus inimigos e defendei-me dos que se levantam contra mim para combater-me.

Propósitos

1. Pouco importa conhecer a violência e a malignidade das paixões se falta o valor para fazer-lhes frente. Nenhuma há que não ponha em perigo a salvação, nenhuma que não seja uma enfermidade mortal; mas de que serve conhecer a natureza da enfermidade se se ignoram os remédios para curá-la? O primeiro meio para domar um inimigo tão temível é nunca fazer pazes nem tréguas com ele. O que o contempla já está vencido. Da porfia e da firmeza no combate depende quase a vitória. Contemporiza com uma paixão, e cada dia a experimentarás mais imperiosa e mais altiva; contenta-a, e te acharás escravo dela. Basta que a deixes respirar um momento para que te aferrolhe com grilhões e cadeias. Examina quais são as paixões que te dominam e resolve-te desde este mesmo instante a não condescender com elas nem na mais mínima coisa.

2. Entre as paixões, a umas se há de atacar cara a cara; a outras, pelas costas, picando-lhes a retaguarda. Certas paixões há cuja vitória só se assegura com a fuga do objeto; e nunca te esqueças de que vencer apenas pela metade uma paixão não é rendê-la, mas irritá-la mais. És colérico? Pois reprime e afoga em ti até os primeiros movimentos da indignação; e, ainda que o criado ou o filho te deem motivo de enfado, não lhes fales palavra. Domina-te a avareza? Dá liberalmente, com garbo e com alegria; sobretudo sê liberal em esmolas, especialmente com aqueles a quem tens mais razões para negá-las. Gemes oprimido sob o tirano jugo de alguma paixão impura? Evita até a sombra do objeto que a desperta; foge, foge até das mais mínimas ocasiões, macera a carne, ora muito e tem uma terna devoção à Santíssima Virgem.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:51:57 by Admin
Updated 20 November 2026 20:51:57 by Admin